

A TELENOVELA, O TELEJORNAL E O INTERESSE HUMANO

Ana Lúcia Medeiros¹

Resumo: O objetivo deste artigo é o de questionar que novos critérios de noticiabilidade podem ser identificados nos telejornais de horário nobre brasileiros. O objeto de análise são reportagens “subjetivistas” cujos profissionais adotam uma postura criativa, interpretativa, de aprofundamento dos conteúdos e de relação de troca com o sujeito do acontecimento. Nesse modelo de reportagem, que busca a humanização dos fatos, podem ser identificadas técnicas que são próprias da telenovela.

Como acontece o processo de produção das reportagens subjetivistas, que buscam uma relação de fidelidade do telespectador com a programação jornalística, como já ocorre com a telenovela?

Palavras-chave: Telejornais, Telespectador, Telenovela.

Entre os principais elementos identificadores das reportagens que buscam a humanização dos fatos, podemos destacar algumas características básicas: o repórter não necessariamente se mantém distanciado do fato; faz uma pesquisa histórica de antecedentes; busca o humano no acontecimento imediato, o que leva a um quadro interpretativo do fato jornalístico.

Para construir uma reportagem “subjetivista”, o repórter, como produtor de sentidos, precisa sentir os gostos, os cheiros, ouvir muito atentamente as fontes e perceber o ambiente: precisa vivenciar o fato. Ao entrar na história, o repórter participa de forma criativa como mediador e permite uma relação de troca com o sujeito do acontecimento, que revela os sentimentos, os pensamentos, a sensibilidade.

Nesse modelo de reportagem, o jornalista conta detalhes das histórias, trabalha com comportamentos culturais, aponta as conseqüências para os protagonistas do fato. Ouve

¹ Ana Lúcia de Medeiros Batista é jornalista, mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) e professora da Universidade Católica de Brasília (UCB). E-mail: analumbr@yahoo.com.br



declarações e observa atentamente reações de fontes diversas, aprofunda conteúdos, coloca fatos numa perspectiva interpretativa. “O repórter reinterpreta a realidade, procurando abrir a captação em múltiplas opiniões e interpretações” (Medina, 1988:105).

Embora mantenham as características básicas do texto jornalístico “objetivista”, as reportagens “subjetivistas” apresentam elementos novos: o processo de captação das informações é acompanhado pelo público receptor; as perguntas feitas durante a apuração são mantidas na edição das reportagens. O que se pode perceber, no entanto, é que, mesmo sendo adotados novos critérios na produção da notícia, o interesse humano é prioritário.

Por outro lado, esse modelo de reportagem ainda ocupa um espaço proporcionalmente pequeno na televisão brasileira, se compararmos ao tempo destinado às matérias “objetivistas”. O recorte que faço nesta análise é sobre as reportagens “subjetivistas” exibidas nos telejornais de horário nobre brasileiros.

Por que o telespectador se “amarra”

Esse modelo de reportagem, que busca a humanização do fato, consegue manter o receptor preso à programação jornalística. Observo que o telejornal, ao reconstruir o real nas reportagens cujo critério de noticiabilidade é o de interesse humano, busca formas de “amarrar” o espectador ao telejornal, como acontece com a telenovela. Ressalto a competência da equipe de reportagem que, ao adotar um modelo mais aprofundado de apuração, tem semelhanças com o cuidadoso trabalho de pesquisa desenvolvido pelos profissionais das telenovelas.

E é nesse sentido que verifico: para atrair a atenção do espectador, o telejornal de horário nobre, embora mantenha o seu universo narrativo, busca técnicas próprias da telenovela. Lanço, então, a questão: que novos critérios de noticiabilidade podem ser identificados nas notícias “subjetivistas” difundidas nos telejornais de horário nobre, cujos produtores se apropriam de determinados aspectos técnicos da telenovela para “amarrar” o espectador?

Apesar de talvez nem acreditem na eficácia da estratégia, os jornalistas são eficientes no propósito de fazer com que o usuário crie hábitos de consumo. Criam “ganchos” (especialmente nas séries de grandes reportagens), apropriam-se de vários recursos que são



característicos da telenovela. Assim, as histórias de vida narradas pelo telejornal ganham semelhanças com as histórias contadas nas telenovelas.

É preciso compreender

Como acontece essa relação entre a estrutura do telejornalismo (e suas estratégias de incentivo ao consumo) e o reconhecimento da qualidade técnica do telejornal por parte do receptor?

Ao acompanhar a “trama” exibida no telejornal, o espectador encontra na história contada na TV aspectos de sua história de vida. São os aspectos culturais, certamente observados pelos jornalistas ao escolher os critérios adotados em reportagens que buscam a humanização dos fatos. Antônio Fausto Neto (1995: 205) diz que a estrutura dos contratos de leitura está relacionada com “o conjunto de elementos e referências do próprio estoque simbólico e cultural do receptor”.

A história contada no telejornal e as semelhanças com a telenovela

O jornalista Paulo Henrique Amorim, que durante anos atuou como repórter da Rede Globo, acredita que, por ser exibido entre duas novelas, o Jornal Nacional (telejornal de maior audiência do país) é “contaminado” pela novela. Segundo Paulo Henrique (Medeiros, 1998: 58), o resultado é uma narração “teatralizada” por parte dos repórteres.

Assim como acontece nas novelas, o espectador passa a acompanhar as histórias narradas nos telejornais e torce por um determinado desenrolar dos fatos.

Na televisão, muitas vezes, realidade e ficção se confundem. Para a psicanalista Maria Rita Kehl (1995:172), a televisão “trata as informações da realidade, as ficcionais, as espetaculares e as publicitárias numa linguagem tão constante, tão igual, que todos esse níveis de discurso se confundem”.

Segundo Maria Rita Kehl (1995: 171), “a relação dos sujeitos com o real, naquilo em que ela se dá por meio da mediação do discurso televisivo e quase que independentemente dos conteúdos desse discurso -, é uma relação imaginária, que se rege prioritariamente pela lógica da realização de desejos”.



Ao apresentar 24 critérios de noticiabilidade, Mário L. Erbolato (2001:63), explica que as notícias de interesse humano detalham os fatos, os sentimentos das pessoas (sejam bandidos ou heróis). Os dramas vividos são narrados. Muitas vezes, assuntos aparentemente banais são transformados pelos jornalistas em excelentes matérias.

Como na telenovela, a câmera se aproxima, capta imagens que dizem mais do que palavras. São imagens espetaculares de pessoas, de ambientes. Cenas estudadas, observadas com o olho clínico do repórter e registradas com competência pelo cinegrafista, cuja participação é tão importante quanto a do repórter. São cenas que falam por si só. Muitas vezes uma lágrima e o silêncio dizem mais do que uma declaração verbal.

Em uma belíssima reportagem sobre o ingresso de índios na Universidade de Brasília, exibida no Jornal Nacional em março do ano passado, o repórter Marcelo Canellas adota recursos próprios do ambiente do Cerrado brasileiro, como o pôr do sol, e mostra a caneta usada pelo índio em substituição à lança. A imagem do índio com a caneta sob o efeito da luz do sol no fim de tarde em Brasília é algo marcante para o telespectador. Ao longo da reportagem, os quatro índios entrevistados ganham um tratamento de proximidade (não só pelo close no rosto de cada um deles feito de forma competente pelo cinegrafista Lúcio Alves), mas pela riqueza de informações sobre a história de vida de cada um desses candidatos a uma vaga em uma das maiores universidades do país, em cursos de carreiras promissoras como Direito, Antropologia e Relações Internacionais.

Para Luiz Gonzaga Motta (1997: 313), “é nas notícias de interesse humano que o jornalista tem maior grau de liberdade na seleção do fato e no tratamento”. Diz o autor: “ao relatar tais fatos, o jornalista cria, intervém no evento, destaca certos aspectos, detalha, omite intencionalmente outros. Recria a realidade e se aproxima da ficção. Como essas notícias são propositadamente produzidas para entreter o leitor, diverti-lo, amenizar a aridez do noticiário geral, a subjetividade é muito mais tolerada”.

Em 1998, a minha relação com um beija-flor virou notícia.

Eu havia adotado o beija-flor, que chegou à minha casa trazido por um vizinho. Um certo dia, levei a ave à Universidade, pois o prédio onde morávamos (o vizinho, o beija-flor e eu)



ia ser dedetizado. O fato de eu carregar a ave no ombro chamou a atenção das pessoas. Alguém contatou a produção da Rede Globo local que, prontamente, enviou a equipe à sala de aula, onde estávamos (o professor, os colegas do mestrado, o beija-flor e eu).

As imagens captadas na sala de aula me deixaram envergonhada por provocar uma situação incômoda: as luzes da TV Globo invadiram o ambiente de discussão. Me senti perturbando a aula no mestrado.

A sugestão que alguns colegas me deram, ali no ambiente acadêmico, no entanto, foi: “proveite isso. Permita o acompanhamento da sua vida. Será bom”. Não acatei a sugestão. Doeí, ao Zoológico de Brasília, o beija-flor que havia batizado de “Beijinho”.

Era uma Sexta-feira. Último dia de exibição da novela “A Indomada”. Horário nobre. O Jornal Nacional fechou a edição daquela noite de 10 de outubro de 1998 com a matéria sobre a minha relação com o beija-flor. Na “cabeça da matéria”, a apresentadora Lillian Witte Fibe leu o texto: “A Mulher e o beija-flor. Pode parecer um ótimo roteiro de um filme, mas a história que vamos acompanhar, agora, aconteceu [ênfase nesta palavra] em Brasília”.

Após a exibição do Jornal Nacional, o telefone de minha casa tocou por várias vezes. Telefonemas de várias pessoas permitiram que eu não me envergonhasse daquela história. Sim, a expressão é esta mesmo: envergonhar.

Logo depois do jornal da oito, da Rede Globo, saí com alguns amigos. No bar, os garçons me observavam. Um deles me olhou nos olhos e perguntou: você não é a moça do beija-flor?

No dia seguinte, fui almoçar no restaurante da Universidade de Brasília. Me surpreendi com a seguinte cena: os cozinheiros se revezavam para me observar às escondidas. Sorri. Tudo era muito surpreendente.

E agora? Como vou encarar as pessoas com as quais convivo? Senti culpa, vergonha daquela situação. Depoimentos de pessoas que admiro e respeito foram, para mim, uma agradável surpresa. A vergonha transformou-se em algo semelhante a felicidade, satisfação, alegria... A sensibilidade das pessoas aflorou. A história, talvez bizarra, transformou-se em algo maior. Revelou que as pessoas, independente do nível cultural, social e econômico, gostam de acompanhar as histórias de amor.

E eu? Como me senti, depois de tudo? Sim, tudo se passa em trinta segundos, mas tem uma repercussão de dias, horas, meses... Um amigo do meu pai, espectador assíduo do Jornal Nacional, me disse, quando fui à Paraíba, em dezembro daquele ano: “minha filha, a sua história se eternizou”.



O que seria da minha história se eu permitisse que a repórter de rede da TV Globo, Ana Paula Padrão, voltasse à minha casa, algum tempo depois daquela primeira reportagem e acompanhasse a minha trajetória com o beija-flor (se ele permanecesse comigo, se eu não o tivesse doado ao zoológico)?

Assim como nas telenovelas, ao longo dos anos são narradas histórias nos telejornais que proporcionam uma aproximação do telespectador com os personagens das reportagens. Os espectadores enviam cartas, querem participar da história. Assumem uma postura diante do drama, da situação vivida pelo personagem. Eles querem que algo de bom aconteça com o mocinho e que haja punição para o bandido.

Como a telenovela, o telejornal é um espaço em que é possível encontrar no outro a identificação com a própria história.

Um caso específico sensibilizou a população. Trata-se do crime contra a professora aposentada Luciana Pinto, 92 anos, agredida pela empregada doméstica Fátima Antônio, em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, em novembro de 2002. Ao ver na TV as cenas de agressão, as pessoas manifestaram indignação e se mobilizaram para que a agressora fosse punida. Muitos enviaram cartas de solidariedade para a família. A senhora sofreu várias pancadas na cabeça e morreu de traumatismo craniano dois dias depois que as imagens foram feitas no banheiro da casa, por uma câmera escondida pelo filho da vítima, e divulgadas em rede nacional.

O receptor não é passivo, é possível desenvolver um trabalho com esses usuários. É possível entender de que forma eles se relacionam com os personagens envolvidos nas histórias contadas nos telejornais.

BRAGA, José Luiz e CALAZANS, Maria Regina Zamith em *Comunicação e Educação* (2001:22) revelam que “a partir dos anos 80, começa-se a perceber o usuário como possivelmente ativo. Redescobrem-se as inserções culturais dos receptores, que utilizaram suas vivências, sua identidade cultural, como ‘mediação’ para interpretar os produtos mediáticos e resistir a inculcações. É já uma visão mais complexa do processo”. Mas



acrescentam que, ainda assim, os meios de comunicação são considerados “não-interativos”.

Um fato ocorrido na região Centro-Oeste tem sido tema de discussões em todo o país. O desenrolar de um seqüestro modificou a vida de um garoto de 16 anos.

“Vou continuar levando a minha vida normalmente, morando em Goiânia”, disse o adolescente à repórter da Rede Globo em Goiás, depois que a mídia divulgou o fato de o bebê de nome Pedro, seqüestrado em 1986 em Brasília, ser o garoto que, até então, levava uma vida normal, com a família de classe média, na capital goiana.

O assédio da mídia assumiu tal proporção que, em um certo momento, o jovem, a irmã e a mãe adotiva (acusada de ter seqüestrado o bebê, nos anos 80) fugiram da imprensa, fazendo manobras arriscadas no trânsito.

De repente, a vida de um garoto, seqüestrado da maternidade ao nascer, em Brasília, torna-se pública. A angústia dos pais verdadeiros ganha repercussão na mídia: o garoto fora identificado na capital goiana como sendo o filho do casal Jayro Tapajós Braule Pinto e Maria Auxiliadora Braule Pinto.

A pauta já indicava não existir dúvidas de que o adolescente encontrado em Goiânia é aquele bebê seqüestrado em 1986, na capital do país.

Oswaldo Martins Borges Júnior (nome de batismo dado pelos pais adotivos) logo passou a ser chamado pela mídia de “Pedrinho”. Os pais verdadeiros passaram a ser (intimamente) identificados como Jayro e Lia (apelido de Maria Auxiliadora). Recebem dezenas de cartas enviadas por pessoas de todo o país que acompanham o caso pela mídia. Já a mãe adotiva é identificada pelos meios de comunicação como Vilma Martins (assim mesmo: nome e sobrenome).

A proximidade que os jornais criam com os mocinhos da história (Jayro, Lia e Pedrinho) pode ter a intenção de aumentar a expectativa do telespectador de que o caso tenha um final feliz: que “Pedrinho” passe a morar com a família verdadeira e que todos sejam felizes para sempre.

Por que casos como o do garoto seqüestrado no Centro-Oeste interessam aos telespectadores? Por que de repente as pessoas se solidarizam com as vítimas, como se fossem suas vizinhas? Para Paul Weaver, o telejornal utiliza, na construção da reportagem,



fórmulas e símbolos de linhas de ação dramática que dão identidade e significado aos acontecimentos (1993: 296).

Como em uma telenovela, o detalhamento do fato, nas notícias de interesse humano, proporcionam um envolvimento do espectador com os personagens, com as histórias contadas em detalhes. Muniz Sodré (1996: 133) observa que “na rotineira notícia de um atropelamento, historiam-se os detalhes do acidente e se exercita um controle discursivo da reação social”.

Peter Berger, em *A construção Social da Realidade*, ajuda a perceber como as pessoas reconhecem como autênticos os casos que viram notícia e se envolvem, enviando cartas para os personagens, ou levando para a vida cotidiana as referências dessas histórias e seus atores. As pessoas, de certa forma, vêem nas notícias da TV um pouco de suas vidas, de sua rotina, de sua vizinhança...

Berger (2002:127) diz que “a legitimação produz novos significados, que servem para integrar os significados já ligados a processos institucionais díspares”. Embora lembre que o termo “legitimação” deriva de Weber, cujo contexto é de sociologia política, Berger (2002:127) atribui ao termo “legitimação” um sentido mais amplo. O professor da Universidade de Boston associa o termo legitimação à expressão “integração” que, argumenta, “de uma forma ou de outra, é também o propósito típico que motiva os legitimadores”.

O inverso também acontece

Algumas pistas para a associação do telejornal com a telenovela e a vida real podem ser dadas por Maria Rita Kehl. Para a psicanalista (1995:171), “a relação dos sujeitos com o real, naquilo em que ela se dá por meio da mediação do discurso televisivo e quase que independentemente dos conteúdos desse discurso -, é uma relação imaginária, que se rege prioritariamente pela lógica da realização de desejos”.

A situação se inverte quando cenas reais são incorporadas aos capítulos das novelas. No Brasil, campanhas por determinadas causas sociais são lançadas nas telenovelas. É o caso de pessoas desaparecidas que tiveram seus nomes e fotos expostos nos capítulos de novelas



do horário nobre. Nas novelas de Manuel Carlos, que tratam de cotidiano, muitas cenas se pautam na realidade, no geral de grandes centros. Há casos recentes de campanhas contra a violência urbana: o personagem de Tony Ramos (na novela *Mulheres Apaixonadas*) é vítima de bala perdida em uma perseguição policial a um bandido em Copacabana. No domingo seguinte à exibição da cena, atores da Rede Globo e familiares de vítimas de balas perdidas se concentraram na orla de Copacabana em um protesto contra a violência urbana no Rio de Janeiro.

Para Maurice Mouillaud, “o realismo é uma ideologia de face dupla que, afirmando a dualidade do acontecimento e da informação, faz da mimese dos mesmos seu ideal. Este trabalho de edição e de controle parece caminhar por si só, desde que se situe ao nível do trabalho profissional às voltas com a pluralidade dos acontecimentos. A coisa se torna menos clara no momento em que se começa a interrogar sobre os conceitos: com quais ferramentas, sobre qual terreno cotejar a informação ao acontecimento uma vez que foram postos como o “discurso” e o “real”? O que se deseja quando se fala de fidelidade aos fatos? A informação se deve parecer com os fatos? A aparência não é uma ferramenta inocente” (Mouillaud: 1998:53).

O caso Pedrinho na inversão de papéis

Ao fazer a leitura de três jornais, diariamente, o jornalista e autor de novelas Aguinaldo Silva costuma guardar recortes de jornais cujas notícias despertam interesse. O arquivo pode ser útil para a composição de personagens fictícios.

Existem situações em que a história real é reproduzida quase que na íntegra. A novela “*Senhora do Destino*”, exibida em horário nobre na TV Globo, retoma a história de Pedrinho, dois anos depois que o crime de seqüestro, cometido nos anos 80, é desvendado. Quando a novela passa a ser exibida, em 2004, Pedrinho mora com os pais, em Brasília, é identificado nas ruas de Brasília como um ídolo entre as adolescentes, e reconhece que a novela se baseia na história dele.

Na trama, o personagem principal tem a filha roubada por uma mulher vestida de enfermeira, que usa o argumento de que vai levar a criança ao hospital porque ela está com



febre. Na vida real, uma mulher chegou ao quarto onde estava o menino eleito pelas enfermeiras como sendo o mais lindo a nascer no hospital Santa Lúcia naquele dia. A mulher, muito bem vestida, se apresentou como assistente social do hospital. Disse que precisaria levar a criança ao berçário para fazer uns exames. Na ficção, a roupa usada pela criança roubada dos braços do irmão pela falsa enfermeira nas ruas do Rio de Janeiro, é “igualzinha”, como disse Lia, à roupa que o bebê da vida real usava na maternidade de Brasília, quando a falsa assistente social o levou. Na ficção, como na realidade, o seqüestro de um bebê marca o início de uma história de luta e sofrimento.

Na vida real, Maria Auxiliadora (Lia) diz à mãe: ‘uma mãe nunca deve obedecer a um filho’. Uma referência ao fato de a mãe não querer deixar Lia sozinha com uma assistente social que queria levar Pedrinho para o berçário. Lia insistiu que não haveria problemas. E a criança só voltou para a família verdadeira 16 anos depois. Na ficção, Maria do Carmo Ferreira (Do Carmo) é uma mãe que tem senso crítico em relação aos filhos, embora os ame mais do que a qualquer coisa. E é sempre ela quem dá a última palavra. A adaptação da realidade para a ficção parece tomar algumas lições de moral. Assim como na vida real há uma inspiração na ficção. Em reportagem publicada na revista Época, Lia diz: “quero que chegue a parte que estamos vivendo hoje para saber como vai ser quando a Lindalva [a garota roubada na novela] for morar com a Do Carmo. Quem sabe eu possa usar algo da ficção na realidade”.

Na realidade, Lia se identifica com a personagem da novela. E torce para que Do Carmo faça tudo o que ela não pôde fazer contra a mulher que lhe roubou o filho.

Na realidade, Vilma Martins, a mulher que se vestiu de assistente social e levou Pedrinho da maternidade, fingiu dar à luz um filho em um hospital do interior de Goiás. Atingiu o objetivo de manter um relacionamento duradouro com um industrial, de tradicional família libanesa, pai de 6 filhos. Na ficção, Nazareth forjou um parto para casar-se com um homem rico, pai de família.

Na realidade, Vilma Martins conseguiu manter o relacionamento com Jamal Rassi até que ele descobrisse que a menina que Vilma dizia ter nascido no hospital de Itaguari não era filha dele. O relacionamento acabou. Pouco tempo depois, Vilma casou-se com Osvaldo



Borges, pai de quatro filhos. Anos depois, Vilma falsificou procurações em nome dos filhos de criação para sacar 26 mil reais de seguro de Osvaldo Borges.

Na ficção, Nazareth falsificou uma procuração em nome da enteada para conseguir o dinheiro do seguro que o marido deixou para a filha que tivera no primeiro casamento.

Na vida real, Vilma Martins se fez de inválida durante um mês. Na ficção, Nazareth fingiu ter perdido os movimentos das pernas, depois que o marido morreu.

Na história real, uma pessoa ligada à família adotiva ouve comentários suspeitos sobre a verdadeira filiação de Osvaldo Júnior (nome dado por Vilma a Pedrinho). Faz uma denúncia ao SOS Criança de Brasília e o mistério sobre o desaparecimento do garoto começa a ser desvendado. Na ficção, a enteada de Nazareth ouve uma conversa entre a madrasta e uma antiga prostituta, colega de Nazareth, na época do seqüestro. Na conversa, o segredo sobre o seqüestro é revelado.

Na vida real, Pedrinho ama a mulher que o seqüestrou. O garoto sempre foi muito bem tratado por Vilma. Na ficção, a garota seqüestrada tem uma relação afetiva muito intensa com a mulher que ela pensa ser sua mãe, pois foi quem a criou. Na ficção, como na realidade, mãe e filho se adoram.

Jésus Martín-Barbero (1997: 307) relata um caso ocorrido em outro país: “uma telenovela peruana acabou incorporando como um fato da vida real uma greve dos taxistas de Lima, que tinha *impedido* a gravação de algumas cenas, incorporou-se à telenovela como um fato de vida”.

Bibliografia

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 21^a edição, 2002.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina Zamith. *Comunicação e Educação*. São Paulo: Hacker, 2001.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Cultura transnacional y culturas populares*. Lima: Ipal, 1988.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. São Paulo: Ática, 2001.



KEHL, Maria Rita. “Imaginário e Pensamento” in SOUSA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e mediações*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MEDEIROS, Ana Lúcia. “Os sotaques no telejornalismo e na telenovela”. Dissertação de mestrado defendida na Universidade de Brasília (1998).

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Summus, 1988.

MOTTA, Luiz Gonzaga. “Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico” in *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

MOUILLAUD, Maurice in MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

NETO, Antonio Fausto. “A deflagração do sentido. Estratégias de produção e de captura da recepção” in SOUSA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SODRÉ, Muniz. *Reiventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

WEAVER, H. Paul. “As notícias de jornal e as notícias de televisão” in TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.

Em jornais e revistas:

BRUM, Eliane. “À espera do final feliz” in *Época*, 16 de agosto de 2004.

GENTIL, Cristine; ALVES, Renato. “A vida de Pedrinho passada a limpo” in *Correio Braziliense*, 2 de novembro de 2003.

_____. “Vilma, a mulher que roubou vidas” in *Correio Braziliense*, 6 de novembro de 2003.

